

O ÍNDIO DISSE: "Esqueceram de nós nos Direitos Humanos"

(A dura luta dos pataxós contra os fazendeiros e as acusações de corrupção na FUNAI)

TEXTO: LUIZ C. LADEIA

A luta pela posse da terra, dos índios Pataxós, tem um novo aliado: a Comissão dos Direitos Humanos da OAB-SP. Uma comissão de indígenas esteve ontem na sede daquele organismo e fez sérias denúncias contra a FUNAI e citou desmandos cometidos na região de Pau-Brasil. "Armas pesadas, tais como metralhadoras e mosquetões estão em poder dos fazendeiros. Um deles, à frente de vários jagunços, "vistoriou" um ônibus lotado de passageiros, à procura de índio, para matar". Dos 36 mil hectares demarcados em 1936, os Pataxós têm somente 1.080. E, a cada dia, perdem uma parte. As invasões prosseguem; a FUNAI luta para transformar as terras em terras da União, quando deveria lutar para que a posse por parte dos índios fosse mantida. A partir de ontem, a OAB — seção de São Paulo, começou a comprar essa briga.

"UN ANIMALITO"

Quando Assuncion Ontiveros começou a falar, no final da reunião de ontem, muitos dos advogados presentes na sede da OAB se aproximaram. Ele preside o CISA — Conselho do Índio de Sul da América — entidade que luta pelo direito dos índios não só da Argentina, como de toda a América. Assuncion havia assistido às queixas e denúncias do cacique Samado Bispo dos Santos

Pataxó, sobre o massacre que a nação está sofrendo na Bahia.

"Para os governos, o índio é um animalito, que pode ser comparado a um lagarto ou a uma víbora. Somos um povo milenar e, em todos os países nós somos um problema; nos litígios entre países, eles citam os descobridores e esquecem o índio; quando falam em Direitos Humanos, esquecem os Direitos Humanos dos índios. Precisamos acabar com a ignorância dos governos. Eles precisam reconhecer que temos uma cultura, temos um idioma, damos um trato especial à natureza, temos uma história em comum, portanto eles têm que reconhecer que somos uma nação e que precisamos ser vistos como uma nação".

O índio argentino fez questão de frisar que todos falam na crise econômica e a opressão que sofre a América Latina. "Contudo, eles se esquecem que, nessa América, existem milhões de índios oprimidos, isto é, está escrito: o povo que oprime a outro, vive também oprimido".

As palavras do índio Assuncion foram endossadas pelos demais, representantes da Nação Pataxó, dos Xavantes, Guaranis e outros.

A DEMARCAÇÃO

A terra dos Pataxós, no Estado da Bahia, compreende uma área de 36 mil hectares, conforme demarcação ocorrida em 1936. Ela fica entre os municípios de Camaçã, Itaju do Colônia e Pau Brasil. A partir de 1947, um indivíduo conhecido por Zé Brasileiro, funcionário do SPI —



Os pataxós só querem justiça, nada mais. (Foto: Manoel Isidoro)

Serviço de Proteção ao Índio — começou a arrendar as terras dos Pataxós. Dos 36 mil hectares, os índios só dispõem de 1.080 e mesmo assim já não podem circular pela maioria dessas terras pois correm o risco de serem assassinados pelos fazendeiros.

Os índios pataxós citaram os nomes dos fazendeiros líderes do movimento: Marco Wanderlei (ele baleou o índio Antonio Júlio, há seis meses e este ficou paralisado), Pedro Leite, Durval Santana (ex-prefeito de Pau Brasil), Mané Fernando e seu genro, Zé Latria, Alberto Pereira, um indivíduo conhecido por Flores, os vereadores Joel Brito e Jazom Ramos, do PDS e Cícero Gomes Neris, da Fazenda Providência, no "Panelão". Nesse local, podem ser encontradas metralhadoras, mosquetões (armas privativas das Forças Armadas), escopetas, espingardas calibre 12, dez rifles "40" e 10 rifles "36". "O dr. Mauro, da Fazenda Santa Fé, disse que se algum índio passar perto de 'suas' terras, ele manda matar e esticar o "couro".

Para se ter uma idéia do que os índios estão sofrendo, recentemente o fazendeiro Marco Wanderlei parou um ônibus que fazia a linha Pau Brasil-Itapetinga e "vistoriou" os passageiros, à procura de algum índio; ele estava liderando um grupo de mais de vinte jagunços".

Os índios reivindicam as terras unicamente para trabalhar e poder concentrar ali, os 2.000 indígenas que residem nas imediações, além

dos quase três mil espalhados por outros Estados, que foram expulsos.

UMA TÁTICA ESTRANHA

A FUNAI pretende que as terras voltem ao domínio da União, com o que os índios não concordam. O jurista Dalmo de Abreu Dalari vê uma incoerência nisso: "Eles deveriam estar lutando pela reintegração de posse do índio e não em reverter essas terras para a União". O cacique Samado disse que em Pau Brasil existe um advogado, dr. Carvalho, que garante que, "por 800 milhões, retira todos os índios de lá". O cacique disse que dentro da FUNAI tem gente levando dinheiro para manter a situação. O seu apelo passa a ser mais contundente quando seu sobrinho Osvaldo começa a pedir à OAB que "venha sofrer com a gente, porque com vocês podemos nascer de novo".

Além do cacique Samado estiveram presentes os índios Alvaro Tucano, da Comissão Pró-Índio, Ailton Kranake, da União das Nações Indígenas, Gerusa Xavante, Egídio Tzipaidzabé, Nicolau Tsererouwê, da Aldeia Dom Bosco e Sangradouro, Gabriel Gentil, tucano da Aldeia Paricachoeira, no município de São Gabriel, no Amazonas. A opinião deles, sobre o cacique Juruna, que deveria representá-los é simples: "ele esqueceu de que é índio; primeiro tomou banho em água limpa, depois, se enlameou".

A OAB-SP deverá manter uma equipe de advogados acompanhando as negociações entre os Pataxós, a FUNAI e os fazendeiros.